



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA – UFPB  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**LAYANE GONÇALVES MOREIRA**

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NOS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: LEITURA E ESCRITA COMO PROBLEMA CENTRAL**

JOÃO PESSOA  
2014  
**LAYANE GONÇALVES MOREIRA**

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: LEITURA E ESCRITA COMO PROBLEMA CENTRAL**

Trabalho monográfico apresentado a coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia, do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção de título de pedagoga.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Ms. Márcia Paiva de Oliveira

JOÃO PESSOA  
2014

M838d Moreira, Layane Gonçalves.

Dificuldade de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental: leitura e escrita como problema central / Layane Gonçalves Moreira. – João Pessoa: UFPB, 2014. 38f.

Orientador: Márcia Paiva de Oliveira

Monografia (graduação em Pedagogia) – UFPB/CE

1. Dificuldade de aprendizagem. 2. Educação infantil. 3. Leitura e escrita. I. Título.

UFPB/CE/BS

CDU: 37.091.26 (043.2)

**LAYANE GONÇALVES MOREIRA**

**DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL: LEITURA E ESCRITA COMO PROBLEMA CENTRAL**

Trabalho monográfico apresentado a coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia, do Centro de Educação, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção de título de pedagoga. Apreciado pela Banca examinadora composta pelos seguintes membros:

---

Prof<sup>ª</sup>. Ms. Márcia Paiva de Oliveira – UFPB  
Orientadora

---

Ex: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Elizabete Costa de Souza – UFPB VIRTUAL  
Examinadora

---

Ex: Prof<sup>ª</sup>. Ms. Sandra Cristina Morais de Souza – UFPB  
Examinadora

JOÃO PESSOA, \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / 2014

## **DEDICATÓRIA**

Dedico primeiramente a Deus, que me deu forças para lutar pelo meu objetivo de concluir todo esse trabalho. A minha mãe Ana Lúcia, em especial, pelo amor e pelo incentivo que me proporcionou durante todo esse processo. Ao meu irmão Emerson, que contribuiu bastante para que este trabalho se realizasse. Ao meu esposo e companheiro Gledson Wagner, que está sempre ao meu lado me dando força e carinho, apostando no meu sucesso, fazendo com que tudo pudesse se torna realidade.

## **AGRADECIMENTOS**

A todos os professores que fizeram parte desta trajetória, os quais fizeram o possível para dar o melhor dos seus conhecimentos e orientações no decorrer da caminhada, em especial a minha orientadora: Márcia Paiva de Oliveira, por sua paciência e orientação que me conduziu de forma prudente nessa trajetória.

A coordenação do curso de Pedagogia, que visaram sempre o nosso desempenho e sucesso.

Agradeço as Professoras Dr<sup>a</sup> Maria Elizabete Costa de Souza e Sandra Cristina Morais de Souza, que aceitaram participar da minha banca.

A todos aqueles que dedicam suas vidas a uma educação de qualidade social, mais comunicativa, emancipatória e lúdica.

**Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.**

**Paulo Freire**

MOREIRA Layane Gonçalves. **Dificuldade de aprendizagem nas séries iniciais do ensino fundamental**: leitura e escrita como problema central Monografia de conclusão do curso de Pedagogia, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba. Orientada pela Prof<sup>a</sup>. Ms. Márcia Paiva de Oliveira. 2014.

## RESUMO

A presente pesquisa tem caráter de levantamento teórico, e tem como objetivo analisar o fenômeno da dificuldade na aquisição da leitura e da escrita. Nesse sentido, abordamos a questão da dificuldade de aprendizagem da criança nos anos iniciais do Ensino Fundamental, especialmente no que concerne na leitura e na escrita; bem como o papel do professor desse nível de ensino como mediador entre o educando, o ambiente escolar e o mundo dos conhecimentos sistematizados. Assim sendo, verificou-se no acervo teórico analisado que através das atividades planejadas para a criança com dificuldades na leitura e na escrita, inclusive de forma lúdica, voltadas para atender aos interesses infantis nessa faixa etária, possibilita a criança ser participativa e ativa no processo de ensino aprendizagem, elevando suas capacidades motoras, cognitivas e afetivas.

**Palavras-chave:** Dificuldade de aprendizagem. Leitura. Escrita.

## ***ABSTRACT***

MOREIRA Layane Gonçalves. **Difficulty learning in the early grades of elementary school:** reading and writing as central problem. Monograph graduation of Education, the Education Center of the Federal University of Paraíba. 2014.

This research has the character of theoretical research, which aims to analyze the phenomenon of the difficulty in acquiring reading and writing. Accordingly, we address the issue of learning difficulties of children in the early years of elementary school, especially regarding reading and writing, as well as the teacher's role on this level as a mediator between the student, the school environment and the world of systematic knowledge. Thus, it was found that the theoretical analyzed acquis through planned activities for children with difficulty in reading and writing, including a playful manner, geared to meet the children's interests in this age group, enables the child to be active and participative in the process teaching and learning, increasing their motor, cognitive and affective capacities.

**Keywords:** Learning disabilities. Reading. Writing.

## **LISTA SIGLAS E ABREVEATURAS**

**TDAH** – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

**DA** – Dificuldade de aprendizagem

**QI** – Quociente de Inteligência

## SUMÁRIO

<b>1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS</b> -----	11
<b>2 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM</b> -----	14
2.1 CONCEITOS E VARIAÇÕES-----	15
2.2 HISTÓRICO DOS ESTUDOS DA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM-----	17
2.3 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM-----	18
2.4 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR-----	20
<b>3 A DIFICULDADE NA LEITURA E NA ESCRITA</b> -----	22
3.1 A LEITURA COMO PROCESSO COGNITIVO-----	23
3.2 A ESCRITA COMO PROCESSO COGNITIVO E PSICOMOTOR-----	25
3.3 ESPAÇOS PROPÍCIOS AO DESENVOLVIMENTO DO LETRAMENTO-----	27
3.4 O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DO LETRAMENTO-----	29
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> -----	32
<b>REFERÊNCIAS</b> -----	35

## 1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Esse estudo relata uma pesquisa de cunho bibliográfico. Trata-se de um levantamento teórico que tem como objetivo analisar o fenômeno da dificuldade na aquisição da leitura e da escrita. Nesse sentido, abordamos a questão da dificuldade de aprendizagem da criança nos anos iniciais do Ensino Fundamental, especialmente no que concerne à leitura e à escrita; bem como o papel do professor desse nível de ensino como mediador entre o educando, o ambiente escolar e o mundo dos conhecimentos sistematizados.

Analisamos também a importância do lúdico nesse contexto, como fator propiciador do desenvolvimento e aprendizagem infantil, o qual visa promover o desenvolvimento espontâneo e agradável dos educando, objetivando a satisfação das suas necessidades psicológicas, espirituais e fundamentais, uma vez que o lúdico está na essência infantil.

A educação na fase do Ensino Fundamental envolve uma complexa realidade, que implica em se lidar com crianças com diversas realidades pessoais, tais como: crianças com desenvolvimento normal e boa aprendizagem, crianças com desenvolvimento típico e com dificuldades de aprendizagem, e crianças com distúrbios de aprendizagem ou déficit cognitivo.

Por essa razão, é imprescindível analisar a importância dos processos de Dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita, em crianças das séries iniciais do ensino fundamental. Esse foi e continua sendo um problema recorrente e um tema que merece bastante atenção. Segundo afirmação da pensadora Patrícia Fernández (2004), são inúmeros os fatores que acarretam as dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita em crianças, especialmente no primeiro ano do Ensino Fundamental.

Neste sentido, procuramos identificar problemas que ocasionam dificuldades na aprendizagem, desde o processo pedagógico até o contexto socioeconômico. Além disso, buscamos conhecer mais a gênese do problema, fazendo uma revisão histórica a respeito de propostas pedagógicas que auxiliam no entendimento ao processo de ensino aprendizagem em leitura e escrita no primeiro ano do Ensino Fundamental.

A Motivação pessoal para empreender esse estudo surgiu desde o momento em que tive contato com a sala de aula, por ocasião do estágio supervisionado, com alunos que demonstravam dificuldades de aprendizagem na aquisição da leitura e escrita. A partir deste fenômeno, foi nascendo o desejo de querer saber mais a respeito dos fatores que influenciam no processo de aprendizagem no primeiro ano do Ensino Fundamental.

Outro interesse em empreender essa investigação se deu em função da problemática do trabalho desenvolvido com a temática da brincadeira no contexto do Estágio Supervisionado. Nessa ocasião, percebemos a necessidade de fazer estudos na área, em função do potencial do lúdico para o desenvolvimento infantil, pois se deixa a vida das crianças mais alegres, mais descontraída, além de favorecer o processo de aprendizagem e desenvolvimento.

Priorizamos como objetivo geral, analisar as dificuldades de aprendizagem no processo de leitura e escrita dos alunos assistidos pela escola de Ensino Fundamental. Como objetivos específicos buscamos: refletir sobre as articulações das dificuldades de aprendizagem, em leitura e escrita no primeiro do ensino fundamental; identificar competências docentes para o planejamento e execuções no processo de ensino-aprendizagem, de leitura e escrita; compreender de maneira reflexiva, as teorizações e as aplicações de aprendizagem na educação, frente às dificuldades de leitura e escrita.

As potencialidades da intervenção pedagógica no processo de aquisição da leitura e da escrita também foram aqui refletidas. Entre as funções do educador está de mediar as relevantes aprendizagens relativas às estruturas cognitivas, afetivas e sociais do educando.

Contudo, acreditamos também na importância do professor ter conhecimento do saber que a criança constrói na interação do ambiente familiar, sócio cultural e assim adotar na sua prática pedagógica as brincadeiras culturais do seu grupo, para que as crianças desenvolvam a habilidade da valorização da sua própria cultura.

A pesquisa pode ainda contribuir para ampliar a discussão do assunto com educadores, bem como ajudar no sentido do desenvolvimento das crianças com dificuldades no seu processo de letramento.

Diante do que foi colocado, levantamos alguns problemas de pesquisa. Pois, diante das argumentações citadas pelos autores estudados, podemos afirmar que a

intervenção pedagógica adequada de é forma que favoreça a aprendizagem, e para que as crianças desenvolvam suas capacidades motoras, cognitivas e afetivas, de forma prazerosa e de rápida assimilação. Desde que se tenha um objetivo uma finalidade para obter resultados positivos. Portanto, a pergunta que norteará este trabalho é: **Quais as contribuições que as intervenções pedagógicas adequadas propiciam à criança com dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita?**

## 2 DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Falar em dificuldade de aprendizagem requer uma reflexão acerca da própria aprendizagem. Para Barbosa (2011), aprender é mais do que adquirir informação, é uma mudança de comportamento. Significa todo um processo a ser seguido em etapas de desenvolvimento do ser humano. Segundo a autora, aprender requer o recriar, possibilita o tornar capaz e possibilita também rever as coisas de uma forma própria.

Esse tipo de aprendizagem se dá em todas as pessoas, Segundo a neuropsicóloga Sylvia Maria Ciasca, professora do Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que também é coordenadora do Laboratório de Distúrbios de Aprendizagem e Transtornos da Atenção da Unicamp. A neuropsicóloga explica que para aprender são necessárias inúmeras conexões neurais. “O cérebro funciona como uma orquestra, em que o trabalho de cada parte deve ser visto como um todo. Para isso, usamos diferentes áreas anatômicas que executam tarefas independentes, mas com objetivos comuns.” (CIASCA, 2012).

Mas, se o cérebro possui uma estrutura tão complexa e preparada para aprender, por que muitas crianças apresentam dificuldade na escola e no processo básico de ler e escrever? Pensadores da área explicam que diversos fatores interferem no processo de aprendizagem, como os estímulos afetivos, a motivação e o ambiente no qual o aluno está inserido, seja o ambiente escolar ou familiar e até mesmo a saúde do aprendente.

### 2.1 CONCEITOS E VARIAÇÕES

Alguns autores fazem distinção entre dificuldade de aprendizagem e distúrbio de aprendizagem, caracterizando da seguinte forma: a dificuldade de aprendizagem é algo adquirido enquanto que o distúrbio de aprendizagem é um fator patológico, seja neurológico, físico ou sensorial.

Se a dificuldade de aprendizagem é algo adquirido, diversas áreas do cérebro precisam ser estimuladas e os fatores causadores afastados.

Na dificuldade de aprendizagem as crianças têm a competência, mas não tem a habilidade. Com a estimulação, o cérebro possibilita a ampliação das redes neurais, então podem se apropriar desse conhecimento.

Portanto, a dificuldade escolar tem origem pedagógica e está relacionada a problemas no método e na estrutura de ensino, na adequação escolar e em aspectos emocionais, além de dificuldades socioeconômicas, culturais e no meio onde a criança vive. Segundo Ciasca (2012), a neuropsicológica faz bem essa distinção, a mesma autora relata que levantamentos apontam que 40 a 58% das crianças brasileiras que frequentam as primeiras séries escolares têm dificuldade escolar, enquanto os distúrbios correspondem a 4 a 5% desse universo. “Na verdade, os distúrbios da aprendizagem são raros. O que é muito frequente é a dificuldade escolar que envolve problemas pedagógicos e não neurológicos”, comenta a referida autora.

As intervenções pedagógicas junto a crianças com distúrbios de aprendizagem necessitam ser readaptadas e especializadas. Por ser patológico, os distúrbios de aprendizagem são de origem neurológico, físico ou sensorial. Para cada tipo de Distúrbio de Aprendizagem há de se promover um tipo diferente de intervenção pedagógica. As dificuldades de aprendizagem podem ocorrer com condições que retarda o desenvolvimento, por exemplo, deficiência sensorial, distúrbio social e emocional.

As Das (Dificuldade de aprendizagem) mas conhecidas são a dislexia, a disgrafia, a discalculia, a dislalia, a disortografia e o TDH (Transtorno de Déficit de atenção e Hiperatividade). Segundo Guerra (2002, p.79), a Dislexia é uma Dificuldade de aprendizagem da leitura, onde demonstra uma deficiência na compreensão de textos escritos. De acordo com Garcia (1998, p.46) a Dislexia:

[...] é definida devido á presença de um déficit no desenvolvimento do raciocínio do reconhecimento e compreensão dos textos escritos. Este transtorno não é devido a retardo mental, a uma escolarização inadequada ou escassa, a um déficit visual ou auditivo, a um problema neurológico. Somente se classifica como tal caso produza uma alteração relevante entendimento acadêmico ou na vida cotidiana. Caracteriza-se por uma leitura oral lenta com omissões, distorções e substituição de palavras, com paradas, correções e bloqueios, ocorrendo também transtorno de compreensão de leitura.

A Disgrafia é diagnosticada pelas dificuldades de escrita. Neste momento inclui problemas de motricidade. Segundo Furtado e Borges (2007, p. 141):

É a dificuldade em passar para a escrita o estímulo visual da palavra impressa. Caracteriza-se pelo lento traçado das letras, que em geral são ilegíveis. A criança disgráfica não é portadora de defeito visual nem motor, e tampouco de qualquer comprometimento intelectual ou neurológico. No entanto, ela não consegue idealizar no plano motor o que captou no plano visual. Existem vários níveis de disgrafia, desde a incapacidade de segurar um lápis ou de traçar uma linha, até apresentada por crianças que são capazes de fazer desenhos simples mas não de copiar figuras ou palavras mais complexas.

No momento em que o aprendizado falha, algo está fora de sintonia. A falha da aprendizagem, que leva inúmeras crianças ao fracasso escolar, está na falta de compreensão ou expressão em diferentes áreas como leitura, escrita, ortografia, aritmética e outras. Mas também pode estar na competência social, na coordenação do movimento ou mesmo na organização e na persistência do aprendizado.

**Disfasia/Afasia** - Distúrbios de fala e linguagem, dificuldade em produzir sons da fala (distúrbio da articulação), dificuldade em colocar as suas ideias em forma oral (desordem expressiva), dificuldade em perceber ou entender o que as outras pessoas dizem (transtorno receptivo).

**Dislexia** - termo geral para uma deficiência na área da leitura. Dificuldade em mapeamento fonético, onde doentes têm dificuldade em correspondência com várias representações ortográficas para sons específicos dificuldade com orientação espacial, que é estereotipado na confusão das letras **b** e **d**, assim como outros pares. Na sua forma mais grave, **b**, **d**, **p** e **q**, todos distinguidos principalmente pela orientação à mão, aparência idêntica à do disléxico dificuldade com a ordenação sequencial, de tal forma que uma pessoa pode ver uma combinação de letras, mas não percebê-las na ordem correta.

**Disgrafia** - o termo geral para uma deficiência na área da escrita física. É geralmente associada à dificuldade de integração visual-motora e habilidades motoras finas.

**Discalculia** - o termo geral para uma deficiência na área da matemática.

## 2.2 HISTÓRICOS DOS ESTUDOS DA DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

O termo dificuldade de aprendizagem aparentemente foi usado pela primeira vez e definida por Kirk (1962). O autor referia-se a uma aparente discrepância entre

a capacidade da criança em aprender e o seu nível de realização. Nos Estados Unidos uma análise das classificações de Dificuldades de Aprendizagem em 49 dos 50 estados revelou que 28 dos estados incluíram critérios de discrepância de QI/realização em suas diretrizes para Dificuldades de Aprendizagem (Ibid., citando FRANKENBERGER e HARPER, 1987).

A Dificuldade de aprendizagem pode ser definida como um transtorno em um ou mais dos processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou na utilização de linguagem falada ou escrita, que pode expressa-se em uma habilidade incapacitada para ouvir, pensar, falar, ler, escrever, soletrar, ou fazer cálculos matemáticos [...]. Dificuldades de Aprendizagem incluem condições como deficiências perceptivas, lesão cerebral, disfunção cerebral mínima, dislexia e afasia de desenvolvimento.

Atualmente, as Dificuldades de Aprendizagens acontecem considerando as modificações e os distúrbios em qualquer aspecto - biológico psicológico e social - de certas crianças. Há positivas tentativas de definir e especificar o que seria uma Dificuldade de Aprendizagem ou Escolar. Mas ainda não existe uma definição consensual acerca dos critérios e nem mesmo do termo. De modo acadêmico, costuma-se chamar esse quadro de Dificuldades da Aprendizagem (DA), preferível as Dificuldades Escolares, menos específicos e não restrito, obrigatoriamente, ao aprendizado.

O Diagnóstico define muito mal a situação de DA, classificando-o como [...] "transtornos da aprendizagem que são constatados nos resultados do indivíduo em testes padronizados e individualmente administrados de leitura, matemática ou expressão escrita estão substancialmente abaixo do esperado para sua idade, escolarização e nível de inteligência". Os Distúrbios e as dificuldades de aprendizagem podem primeiramente, parecer algo que já está bem definido no contexto escolar e social, mas infelizmente nem todos conseguem compreender os caminhos que levam ao desenvolvimento da aprendizagem, e que nem sempre o desenvolvimento em sua integralidade começa e terminam na escola.

O Desenvolvimento das Habilidades Escolares descreve DA's como "[...] transtornos nos quais as modalidades habituais de aprendizado estão alteradas desde os primeiros processos do desenvolvimento".

### 2.3 O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Quando uma criança ingressa na escola, sua primeira tarefa explícita é aprender a ler e escrever. Embora se espere que a criança aprenda muitas coisas em seu primeiro ano de escola, a alfabetização é, sem dúvidas, o centro de expectativas dos pais e professores. No entanto, o que muitas vezes pais e educadores não consideram que a leitura e a escrita, como habilidades que exigem da criança a atenção a aspectos da linguagem aos quais ela não precisa dar importância, até o momento em que começa a ler e escrever, por isso toda criança encontra dificuldade na aprendizagem. Aprender é um processo que se inicia a partir do confronto entre a realidade objetiva e os diferentes significados que cada pessoa constrói acerca dessa realidade, considerando as experiências individuais e as regras sociais existentes. Diante do contexto da aprendizagem, o saber é continuado e estamos sempre neste processo de adquirir conhecimento, e este conceito a cada dia vem se aprimorando.

Segundo Nunes (2000), há poucas crianças que apresentam discrepâncias extrema entre o que esperaríamos delas a partir de seu nível intelectual e o que elas de fato, conseguem na aprendizagem da leitura e escrita. A maioria das discrepâncias é pequena, mas em alguns casos chegam a ser consideráveis.

Johnson e Myklebust (1987, *apud* GUERRA, 2002, P.39-42): Classifica a aprendizagem em diferentes níveis que são: a sensação, a percepção, a imagem, a simbolização e a conceitualização. Continuam os autores a afirmar que:

A **Sensação** se refere somente a ativação de estruturas sensoriais neurais. A percepção é o processo através do qual o sistema nervoso central inicia o processo cognitivo, envolvendo funções de pré-reconhecimento, com a análise e a síntese [...] A **imagem** é o processo que diferencia a percepção da memória. Permite reconstruir, lembrar e relembrar a informação sensorial anterior [...] A **Simbolização** é o processo humano por excelência, visto ser o símbolo o verdadeiro produto mental que permite simplificar, reexperimentar e representar interiormente a experiência [...] A **Conceitualização** é o nível mais elevado do processo cognitivo, incluindo todos os processos de classificação e categorização da informação. Através desse sistema, atinge-se a generalização por processos de agrupamento de características e de atributos, com os quais se atinge a abstração e o pensamento formal.

Todas as crianças têm dificuldades na aprendizagem de leitura e escrita, que é uma atividade complexa. Algumas crianças vencem essas dificuldades mais rapidamente e outras mais lentamente do que esperamos com base no seu nível de inteligência.

De acordo com Nunes (2000), há quatro fontes de informação sobre a questão entre as crianças com dificuldades de aprendizagem e as outras crianças:

- Evidência epidemiológica, que informa basicamente sobre a proporção das crianças e suas dificuldades;
- As comparações entre a natureza das habilidades intelectuais das crianças, conforme a sua idade e seu nível intelectual;
- As evidências sobre as diferenças entre crianças com dificuldades entre si;
- A análise dos estágios no desenvolvimento dos processos de leitura e escrita e sua comparação com os estágios observados entre crianças.

A aprendizagem é o modo pelo qual se tem transformação de comportamento, adquirida através de experiências construídas por vários aspectos, como por exemplo, o emocional, o neurológico, e o cotidiano que se está inserido, e o educador desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem dos alunos. Aprender é um confronto com a realidade. As crianças carregam experiências do convívio com a família e do ambiente escolar.

#### 2.4 DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

As Dificuldades de aprendizagem é um fator bastante discutido no âmbito escolar. Contudo, a facilidade em aprender ainda é bastante estimulada em detrimento daqueles que têm dificuldades: quando os alunos desempenham atividades corretas em sala de aula são bastante elogiados, e sua autoestima aumentada. Mas, quando se observa que a criança não está tendo um rendimento escolar, semelhante aos outros, longo procuram, de alguma maneira, uma resposta, mesmo que negativa. É neste período que muitas crianças são rotuladas como preguiçosas, lerdas, entre outras coisas.

No momento em que o aprendizado falha, algo está fora de sintonia. A falha da aprendizagem, que leva inúmeras crianças ao fracasso escolar, está na falta de compreensão ou expressão em diferentes áreas como leitura, escrita, ortografia, aritmética e outras. Mas também pode estar na competência social, na coordenação do movimento ou mesmo na organização e na persistência do aprendizado.

É Fundamental salientar que as Dificuldades podem ocorrer por diversas razões orgânicas ou emocionais, como já vimos anteriormente. No entanto, é

importante identificar um trabalho educacional para desempenhar um papel no intuito de tentar solucionar estas dificuldades.

Não cabe aos profissionais da escola realizar diagnósticos no contexto escolar. Quando percebidos os problemas patológicos de qualquer ordem os profissionais da instituição escolar devem encaminhar a família para um especialista da área médica para os procedimentos diagnósticos. Ao Professor e a família cabe observar e direcionar a um profissional para que assim possa diagnosticar e orientar a intervenção que deve ser realizada na escola, seja na área pedagógica ou psicopedagógica. À escola cabe procurar desempenhar um trabalho, que proponha uma melhora significativa nessas dificuldades ou transtornos diagnosticados. O Professor e demais educadores não deve jamais rotular o aluno com qualquer palavra que traga um sentido negativo, mas mediar de maneira motivadora.

Segundo o psiquiatra Rodrigo Affonseca Bressan, professor da pós-graduação do Departamento de Psiquiatria e coordenador do Programa de Esquizofrenia e do Laboratório de Neurociências Clínicas da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), a prevalência das deficiências intelectuais nas escolas varia de 10 a 15%. Doenças como depressão, ansiedade e Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), aliadas aos distúrbios escolares mais comuns, também levam à piora do desempenho escolar, aumento da evasão escolar, dificuldade de concentração e problemas de comportamento como a agressividade ou o isolamento:

Essas situações tornam difícil para a criança receber as informações necessárias para que possa se desenvolver normalmente do ponto de vista acadêmico. Além disso, como as crianças passam a ter um comportamento diferente do habitual, tendem a se isolar ou a serem discriminadas por parte dos colegas, (BRESSAN, 2010)

No entanto, quando o problema é percebido rapidamente e tratado de forma efetiva, é possível evitar os prejuízos na aprendizagem. “Para isso, é fundamental que os educadores tenham conhecimento para identificar e encaminhar as crianças que precisam de auxílio” orienta Bressan (2010). Segundo o psiquiatra, a promoção da saúde mental deve ser estimulada na escola, começando com o entendimento de que um ambiente saudável deixa as pessoas melhores. As dificuldades de saúde mental precisam ser enfrentadas com naturalidade, desde uma crise de medo em uma apresentação até um momento de raiva e agressão. É preciso ter noção que os

transtornos são facilmente tratados se diagnosticados precocemente e abordados com naturalidade. Caso contrário, pode-se dificultar ainda, mas o processo de aprendizagem do aluno, como na leitura e escrita, por exemplo, a qual abordaremos no próximo capítulo.

### 3 A DIFICULDADE NA LEITURA E NA ESCRITA

Por muitos anos nos contextos Educacionais Brasileiros e até de outros países se convencionou a caracterizar a não aprendizagem como um problema cognitivo. Antes tínhamos um olhar em cima apenas da dimensão cognitiva e com os estudos na área da Psicologia os aspectos emocionais passaram a ser considerada como fator de aprendizagem ou não aprendizagem. Mas, atualmente os estudiosos da área trabalham com três dimensões: a cognitiva, que envolve as possibilidades do aprender; a afetiva, relacionada ao desejo de aprender; e a social, relacionada ao meio em que o indivíduo vive.

Também existe a necessidade de entender o funcionamento do organismo, como o cérebro trabalha. Não podemos deixar de olhar para esse organismo que nem sempre responde como se espera.

O fato é que o não aprender pode acontecer de duas formas distintas: o distúrbio ou a dificuldade escolar. Ambos têm como característica o baixo rendimento escolar em atividades como leitura, escrita e raciocínio lógico-matemático, em conjunto ou separado. Além disso, a criança apresenta inteligência normal com oportunidades sociais e culturais adequadas. Mas existem diferenças importantes: o distúrbio escolar tem origem orgânica, neurológica, que pode ser resultante de disfunções em áreas responsáveis pela seleção, processamento e armazenamento das informações, além da codificação do estímulo. Os principais problemas são dislexia (falha no processamento da habilidade da leitura e da escrita), disgrafia (falha na escrita) e discalculia (dificuldade para lidar com conceitos e símbolos matemáticos).

Segundo Ciasca (2012) explica, embora o caminho neural seja idêntico em todas as pessoas, cada um dá a sua marca, que são seus sentimentos, sua criatividade e intensidade em relação àquilo que quer aprender.

De acordo com Barbosa (2011,p.54),”Estar com dificuldade de aprender significa estar diante de um obstáculo que pode ter um caráter cultural, cognitivo, afetivo e não conseguir dar prosseguimento à aprendizagem por não possuir ferramentas, ou não poder utilizá-las para transpô-lo”.

De acordo com esta ideia, retornamos ao ponto de partida de que vários são os aspectos de dificultam a aprendizagem, porém quando estas dificuldades se evidenciam no âmbito escolar, e o professor possui recursos para transpô-las,

considerando ao educando subsídios que facilitem o entendimento, como as diretrizes expostas por Perrenoud (2000), como as dez novas competências para ensinar, e com isso atuam de forma incisiva no desenvolvimento de cada aluno. Se levarmos em consideração as análises dos registros de desenvolvimento individual, que podem ser realizados através de exercícios de sondagens diagnósticas e registro do desenvolvimento das atividades e especificamente das dificuldades encontradas pelo aluno ao desenvolver uma atividade específica. É importante que haja um comprometimento de toda comunidade escolar para sanar as dificuldades para que possa garantir a efetivação do direito a aprender.

### 3.1 A LEITURA COMO PROCESSO COGNITIVO

O processo de aquisição da leitura é lento e paulatino. Ele não se dá em um ano escolar, mas, se inicia quando a criança começa a fazer a leitura do mundo que a rodeia. Portanto, se inicia no mundo familiar e social e não no escolar. É na escola que esse processo é sistematizado com o conhecimento das primeiras letras.

Como podemos perceber, o processo de aquisição da leitura tem relação com aspectos externos à escola e também depende das diferenças individuais de cada um. Vale ressaltar que outro aspecto relevante é o fato de que um aluno com um aprendizado mais lento não tem necessariamente um problema, pois as crianças são diferentes e têm níveis distintos de desenvolvimento. “A aprendizagem é a nossa impressão digital, cada um faz a sua, cada um tem o seu modo de aprender”, destaca Ciasca (2012). Cada indivíduo aprende de forma particular, dependendo dos fatores cognitivos e afetivos. Os fatores neuropsicognitivos complexos que interferem na aprendizagem são: processamento perceptivo, psicomotor, atenção, memória, pensamento e linguagem.

Na visão de Ferreiro (1993), “[...] o processo de leitura e de escrita tem seu início antes que a criança entre na escola, a mesma constrói seu conhecimento através de esquemas conceituais que permitam interpretar tanto as informações prévias como as atuais”. No âmbito escolar e alguns professores têm receio em aceitar que o indivíduo possa ter adquirido o desenvolvimento da leitura e escrita, fora da escola, devido a este fato tendem a desvalorizar as conquistas do aluno. Não se pode dizer que a escola não cumpre seu papel ou que não importa, a escola deve se caracterizar como um espaço que proporcione os alunos a transformação,

onde os conhecimentos estejam em interação e que se respeitem os estágios de desenvolvimento da aprendizagem de cada sujeito.

Portanto, para se conquistar esse conhecimento, é necessário romper paradigmas. Estas faces foram denominadas por Piaget (1998), estágios de desenvolvimento cognitivo, onde a criança passa por uma contínua construção de seu próprio conhecimento, elaborando esquemas que se acomodam aos já existentes, partindo para assimilação de conceitos novos sobre o objeto de conhecimento.

A Leitura não é um ato simples de decodificação de sinais gráficos. A prática da leitura baseia-se na competência de conciliar a decodificação de letras, palavras e frases, com o que elas significam dentro de um texto, com a capacidade de indicar, no mesmo, novas ideias e hipóteses sobre o que se ler.

O Processo de construção da leitura e da escrita, para que ocorra de maneira satisfatória nas crianças em sua vida escolar é preciso que haja vários fatores envolvidos, tanto o professor como toda comunidade escolar, e que acima de tudo acreditem que todos os alunos são capazes de aprender.

Os alfabetizadores devem levar em consideração os saberes prévios dos alunos e conhecê-los, ser um agente desafiador, manter um planejamento sempre com atividades produtivas para o aprendiz, realizar intervenções adequadas, saber compreender a importância do incentivo à leitura e a escrita antes da alfabetização, proporcionar a interação entre alunos com diferentes níveis de conhecimento para o melhor favorecimento da aprendizagem.

### 3.2 A ESCRITA COMO PROCESSO COGNITIVO E PSICOMOTOR

O Sistema cognitivo da criança é analisado em partes de sua habilidade para processar informações, processo importante para resultados positivos em realização de atividades. O Estudo do desenvolvimento cognitivo nos fornece subsídios para assim poder entender como deve ser estudado a forma de desenvolvimento das crianças com dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita.

O Processo cognitivo é fundamental para realização de tarefas, em crianças com dificuldades ocorre uma variação neste processo, por este motivo dificulta o desempenho das crianças. Os alunos com dificuldades de aprendizagem quase sempre apresentam seu sistema de execução pobre e uma enorme falta de

motivação. Para aprender a ler e escrever é necessário saber suas combinações, suas regras e ter motivação. Se adquirido deste saber é possível conhecer um novo mundo, ou seja, um “mundo letrado”. A escrita é construída através de mecanismos psicomotores bastante complexos, no qual necessitam do esforço do aspecto de maturação do sistema nervoso. O aprendizado da escrita como modalidade expressiva, requer que a criança obtenha um determinado desenvolvimento cognitivo da linguagem e do pensamento.

Segundo Teberoski (1986), a criança produz sua escrita através de aplicação de esquemas de assimilação ao objeto, à mesma desde cedo elabora ideias próprias em relação aos sinais gráficos, sendo seu processo de aquisição da escrita baseado em hipóteses construídas sobre o que ela tenha acesso no tocante à língua escrita.

A Psicomotricidade está intimamente associada à aprendizagem, pois o movimento influencia a maturação do sistema nervoso que é na forma individual, função das relações e correlações entre ação e sua representação.

Segundo Wallon (1992), a maturação passa por vários estados, tais como:

- Estado de impulsividade motora – onde os atos são simples descargas de reflexos;
- Estado de emotivos – as primeiras emoções no tônus muscular. As situações são conhecidas pela agitação que produzem evidenciando uma interação da criança com o meio;
- Estado sensitivo-motor – coordenação mútua de percepções diversas;
- Estado projetivo – mobilidade intencional dirigida para o objeto. Associa a necessidade do uso de gestos para exteriorizar o ato mental.

A Psicomotricidade abrange todo desenvolvimento corporal, lateralidade, estrutura espacial, orientação temporal e a pré-escrita, na falta desses elementos pode causar problemas na aprendizagem da criança.

Diante disso a psicomotricidade integra-se em um elemento importante no processo de escrita. A educação psicomotora auxilia as crianças a se desenvolverem sua unidade e globalidade de ser humana, sua organização espacial, temporal e de intensidade, sua relação afetiva por meio de interações com terceiros.

A estimulação pedagógica associada à Psicomotricidade facilita o processo de alfabetização:

- Proporciona aprendizagem prática de conceitos fundamentais para a escrita e leitura;
- Oportuniza que a criança escolha parte dos aspectos a serem trabalhados (organização de pensamento, composição de palavras e textos, escrita em letra bastão e cursiva, leitura de textos; significativos, entre outros) respeitando os interesses e ritmos de cada criança:
- Aumenta a concentração (a atenção tônica proporciona direcionamento e organização das atividades que o corpo realiza);
- Coordenação viso-motora (associação entre a motricidade manual e trabalho ocular/conjunto olho-mão);
- Durante a aquisição da alfabetização, a comparação do desenho (especialmente da figura humana), com a escrita é instrutiva em aspectos como: a noção espacial gráfica (como a criança aproveita o espaço da folha), a preensão do lápis (como ela segura o lápis na mão), a pressão do lápis sobre o papel (quantidade de força que coloca no lápis sobre o papel).
- A Psicomotricidade fina engloba os movimentos refinados, realizados pelas mãos (escrita), pés e face (leitura), é a base do aprendizado, buscando o gesto mais apropriado para uma ação específica. A consequência dessa apropriação é uma maior e melhor destreza e precisão nas atividades;

### 3.3 ESPAÇOS PROPÍCIOS AO DESENVOLVIMENTO DO LETRAMENTO

O espaço da sala de aula ou da escola como um todo deve ser estimulante e alfabetizador. Apesar de a escola ser, um ambiente cheio de novidades, também pode ser enfadonho e rotineiro, com regras, atividades. Esse ambiente é chocante para a criança que ingressa no ensino fundamental, oriundas da educação infantil cheia de cor e alegria, onde elas estão habituadas a fazer apenas o que tem vontade.

Coll e Salvador (2000) alertam para a complexidade da sala de aula com sua realidade permeada por conhecimentos, habilidades, valores e expectativas de seus atores, afirmando que a aula configura um espaço comunicativo regido por uma série de regras cujo respeito permite que os participantes, o professor e os alunos, possam comunicar-se e alcançar os objetivos a que se propõem.

Letramento corresponde ao ato de Letrar, ou seja, ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno. O letramento não ocorre apenas durante determinado tempo da vida do indivíduo, ele acontece antes e durante a alfabetização e continua para todo o sempre, ou seja, letramento é o desenvolvimento do indivíduo no mundo letrado.

A sociedade cada vez mais está vivenciando o letramento, pois está em todas as partes. Os processos de letramento e alfabetização mantêm uma forte relação, mas não devem ser confundidos, pois todos os sons das letras dominam as relações grafo fônicas, para se utilizar dos processos de leitura e escrita.

Complementando o exposto Kleiman (2005) diz que:

O Letramento envolve a utilização da escrita e todo o método e recurso utilizado para proporcionar a alfabetização do aluno (codificação, decodificação, análise e reconhecimento de palavras) ainda que estejam relacionados aos métodos de alfabetização, também considerados práticas do letramento. (KLEIMAN,2005)

De acordo com as considerações da autora sobre o letramento assunto muito frequente em nossa sociedade, observamos que a alfabetização e o letramento estão estritamente ligados, pois é através do letramento que alfabetizamos, as pessoas se alfabetizam, mas não apresentam hábitos de leitura e escrita, por esse acontecimento, a grande importância do letramento, pois através do mesmo trabalhamos com materiais que representam a escrita, como por exemplo: jornais, rótulos, bulas, revistas etc.

Segundo Carvalho:

Para alfabetizar letramento deve haver um trabalho intencional de sensibilização, por meio de atividades específicas de comunicação, por exemplo, escrever um bilhete para alguém que não está presente, contar uma história por escrito, produzir um jornal escolar, um cartaz, etc. Assim a escrita passa a ter função social. (CARVALHO, 2009, p.69)

Realizar exercícios com alunos que envolvem a leitura e escrita social é muito importante, os resultados obtidos são bastante positivos desde a grande mostra de interesse do aluno, assim como um conhecimento mais ativo e significativo. O aluno

consegue ver o sentido real para a aprendizagem do ler e escrever, não apenas no âmbito escolar, mas também no seu meio social.

É de suma importância desenvolver um trabalho onde a criança possa ter oportunidades concretas de construir a base de sua alfabetização de forma homogênea, adquirindo o significado social da leitura e escrita e tendo várias possibilidades de torna-se um futuro consciente leitor.

### 3.4 O PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DO LETRAMENTO

Com o apoio das ciências e áreas de conhecimento específico, como a Psicologia, Pedagogia, Neurociências, Psicopedagogia, os educadores e psicopedagogos conseguem avaliar e entender, de maneira mais clara, os problemas de aprendizagem, suas causas e possibilidades de intervenção.

Para a Ciasca (2012), neuropsicóloga que se aprofunda nessa temática, a busca pela renovação dos processos educativos contribui para prevenir e solucionar as dificuldades. “Adquirir conhecimento deve ser um fator motivador, dinâmico e criativo. Deve-se ter sempre a consciência de que aprender é processar a informação, e isto se faz em conjunto, ou seja, cérebro, comportamento e ambiente”, comenta a autora.

Para a autora citada, os educadores estão em situação privilegiada, pois observam os alunos por longo período, seja na convivência com os colegas ou por meio dos testes de desempenho.

Segundo Ciasca (2012), os professores precisam estar atentos às mudanças dos alunos em todos os aspectos e investigar o que está acontecendo. Por exemplo, um educando que tinha bom desempenho acadêmico e se relacionava bem com os colegas passa a ficar isolado e sentar no fundo da sala, falta com frequência, descuida-se na forma de se vestir e começa a obter notas baixas. Cabe ao professor ir além da repreensão e descobrir por que a criança mudou a sua forma de agir.

Com relação à prática pedagógica, muitas das vezes o professor trabalha com atividades desestimulantes e que não despertam nenhum prazer nas crianças, é um fator que deve ser considerado. Uma grande parcela dos professores não está preparada para lidar com alunos que apresentam dificuldades e distúrbios de aprendizagem, e em vez de ajudá-los procurando cursos de aperfeiçoamento, buscam desculpas, como: aluno desinteressado, indisciplinado, desatento, entre

outras. Porém, percebe-se também que alguns professores comprometidos com a educação enfrentam dificuldade de algumas crianças apreenderem o que é ensinado, apesar dos esforços e recursos aplicados para promover a aprendizagem. É normal encontrarmos docentes que se angustiam diante da impossibilidade de fazer com que seus alunos obtenham sucesso (GOMES, 2001).

A entrada na escola significa para a criança, uma grande ampliação de sua esfera de relações e para a qual ela traz uma história de experiências anteriores que lhe permitiram desenvolver uma determinada visão sobre si mesma. Nesse sentido, na escola, conhecerá outras crianças com as quais compartilhará uma parte considerável de sua vida e estabelecerá importantes relações com adultos que não pertencem nem à sua família, nem às suas relações mais próximas. Assim, a escola também contribuirá para a configuração do autoconceito geral da criança bem como para o desenvolvimento de um de seus aspectos específicos, o autoconceito acadêmico, que se refere às características e capacidades que o aluno acredita possuir em relação ao trabalho acadêmico e ao rendimento escolar. A criança, então, recebe as avaliações de seus professores, colegas e pais sobre suas habilidades e sucessos acadêmicos e, com base nelas, constrói uma visão de si mesma como aluno (MORENO e CUBERO, 1995).

O papel solicitado ao professor na situação de ensino-aprendizagem é o de uma atuação constante, com intervenções para todo o grupo de aula e para cada um dos alunos em particular, visando a observação sistemática do processo de cada aluno durante a aprendizagem, para poder intervir no mesmo com uma ajuda educativa adequada. (BASSEDAS, 1996). Mas se faz necessário também entender por níveis os processos educativos e curriculares, os aspectos organizacionais, estruturais e funcionais, assim como todos os elementos envolvidos no processo ensino aprendizagem. Claro que os elementos fundamentais são os pares educativos que se constituem dos alunos, professores, familiares e profissionais que contribuem e de alguma forma estão ligados com a educação e conseqüentemente, com a instituição de ensino.

Meirieu (2005) aprofunda a reflexão sobre o ato da aprendizagem e estabelece referências a partir das quais o professor poderá elaborar regular e avaliar sua ação pedagógica. Analisa o triângulo pedagógico: educando-saber-educador e a relação pedagógica, racionalização didática e estratégias individuais de aprendizagem, no processo de ensinar e aprender. Lembra que aprendizagens significativas vão

permitir ao aluno construir seus próprios mapas de conhecimento e verdades, a partir de suas vivências.

A cada dia se valoriza mais o caráter construtivo do processo ensino-aprendizagem, priorizando o aluno capaz de selecionar, assimilar, processar e interpretar, conferindo significado a sua aprendizagem. Não se concebe mais a figura do professor e do aluno como simples transmissor e receptor de conhecimentos. Valorizam-se os processos de interação professor-aluno, desencadeando e promovendo a aprendizagem. O ato educacional implica uma série de decisões sobre o que o educando tem que aprender e sobre as condições oferecidas pelo professor para que o aluno interaja com os conteúdos do ensino.

O processo de ensino-aprendizagem implica a interação de três polos: o aluno que busca aprender, o objeto do conhecimento e o professor que interage, buscando favorecer a aprendizagem.

O professor é o orientador, o coordenador e o facilitador do processo de ensino-aprendizagem. Para que sua orientação influa sobre os processos de construção do conhecimento, deve estar atento aos mecanismos das relações interpessoais nas interações com o educando, sem perder de vista que a ajuda pedagógica deve adequar-se às necessidades e características de seus alunos. Sua intervenção pedagógica deve contribuir para que o aluno, frente às motivações do contexto educacional, desenvolva sua capacidade de realizar aprendizagens significativas, aprendendo a aprender e construindo seus conhecimentos.

A compreensão da atividade construtiva do aluno como um elemento num emaranhado de relações sociais e interpessoais, encontra um suporte considerável nas ideias expostas por Vygotsky na primeira metade do século, porém somente conhecidas mais tarde pelo mundo ocidental.

Segundo a explicação de Vygotsky (1989), o desenvolvimento que os alunos experimentam no decorrer do ciclo vital é consequência da aprendizagem e da educação; é, por fim, um produto das interações que se estabelecem entre o sujeito que aprende e os diversos mediadores culturais (pais, educadores, etc.) que lhes tornam acessíveis determinadas parcelas da cultura e também as maneiras de alcançá-las. Essas ideias traduzem-se em alguns conceitos e princípios nucleares da explicação de Vygotsky, a lei da dupla formação dos processos psicológicos superiores, a zona de desenvolvimento proximal, o processo de interiorização e o papel da educação como um motor do desenvolvimento humano.

Assim, a influência educativa que o professor exerce com proposta, orientações, seguimento, diretrizes, etc., promove o desenvolvimento proximal e transforma em desenvolvimento real, reconstrução no plano interpessoal, aquilo que, a princípio, é desenvolvimento potencial, que requer a intervenção de outros para ser atualizado. (COLL e Salvador 2000).

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos no acervo teórico analisado que através das atividades planejadas para a criança com dificuldades na leitura e na escrita, inclusive de forma lúdica, voltadas para atender aos interesses infantis nessa faixa etária, possibilita a criança ser participativa e ativa no processo de ensino aprendizagem, elevando suas capacidades motoras, cognitivas e afetivas.

As escolas precisam estabelecer medidas preventivas essenciais para a reestruturação integral da criança, evitando as situações traumatizantes que os problemas de aprendizagem escolar causam em algumas crianças, as quais não são consideradas ou, ao menos, respeitadas. Toda e qualquer dificuldade escolar tem uma causa e uma solução, devendo ser observada, respeitada e solucionada.

Mas, na maioria das vezes a criança é apontada como sendo a causa do seu próprio fracasso, conseqüentemente sendo a autoestima desta afetada mediante as atitudes dos educadores. O aluno, ao perceber que apresenta dificuldades em sua aprendizagem, muitas vezes começa a apresentar desinteresse, desatenção, irresponsabilidade, agressividade, etc. A dificuldade acarreta sofrimentos e nenhum aluno apresenta baixo rendimento por vontade própria.

As dificuldades de aprendizagem na leitura e na escrita podem ser consideradas uma das causas que conduzem o aluno ao fracasso escolar. Não podemos desconsiderar que o fracasso do aluno também pode ser entendido como um fracasso da escola por não saber lidar com a diversidade dos seus alunos.

Aos pais e professores, é simples e cômodo atribuir às crianças as dificuldades apresentadas por elas, que vêm rotuladas de lentas, preguiçosas, desatentas e incapazes. Mas, é bom lembrar que há vários graus de dificuldades, que o diagnóstico é feito por exclusão. Assim, tão logo, a criança apresente dificuldade de aprendizagem é bom que pais e professores fiquem atentos e busquem investigar quais as causas. Uma das grandes frustrações dos pais é saber que seu filho tem dificuldade em aprender. Muitos não sabem o que fazer nem como ajudar. O caminho seria procurar apoio nas escolas, com os educadores, mas estes também muitas vezes não sabem o que fazer.

É tarefa de todo e qualquer educador, sejam os pais ou os professores, ter como base ética o compromisso de promover o desenvolvimento digno e efetivo da aprendizagem acadêmica da criança, buscando novas formas de aprendizagem,

novos programas e processos de ensino que possam colaborar para a inclusão destas no mundo das letras, ajudando-as a sobreviver dentro deste modelo de escola que se apresenta.

Entretanto, faz-se necessário a capacitação dos educadores para lidar com sérios problemas de aprendizagem, tornando-se aptos a orientar as crianças, fazendo com que as informações e as novas formas de aprender cheguem dentro das escolas, pois, há muitas maneiras de aprender. O professor deve ter consciência da importância de criar vínculos com os seus alunos através das atividades cotidianas, construindo e reconstruindo sempre novos vínculos, mais fortes e positivos.

Nessa perspectiva, urge um redirecionamento da prática docente, mediante uma reflexão em torno do novo paradigma que foca o modo como se aprende, concebendo a criança como um ser ativo, que constrói o conhecimento através das relações que estabelecem com outras pessoas e com o meio que vive. Essa reflexão possibilitará uma análise por parte do professor entre teoria e prática, favorecendo novas alternativas de trabalho em sala de aula, amenizando os entraves que bloqueiam a aprendizagem.

A prática pedagógica no contexto atual, precisa ser reestruturada de modo a atender as mudanças referentes ao processo de aprendizagem, possibilitando ao professor uma orientação por meio de um processo de formação continuada.

Portanto, crianças com dificuldades de aprendizagem, sejam qual for a causa do problema, necessitam de educação, atenção e ensino diferenciados para que possam desenvolver suas habilidades, e quando mais cedo for detectado o problema, melhores serão os resultados.

Nesse contexto, a escola deve desempenhar o seu papel de educadora, não fazendo diagnóstico, mas elaborando e criando atividades específicas através de profissionais habilitados que, dentro de sua função possa ser de valioso apoio àquela criança que apresente dificuldades de aprendizagem. Torna-se necessário orientar aluno, família e professor, para que juntos, possam buscar orientações para lidar com alunos, que apresentam dificuldades e/ou que fogem ao padrão, buscando a intervenção de um profissional especializado.

O que se pretendeu com este estudo foram oferecer algumas ferramentas para a reflexão daqueles que lidam com a aprendizagem e, conseqüentemente, com as dificuldades de aprendizagem como professores, psicólogos, pedagogos e

psicopedagogos, profissionais essas que lidam diretamente com essas crianças. Desta forma irá contribuir para amenizar futuros problemas educacional como a repetência e a evasão escolar, pois sabemos que esta problemática traz consequências de ordem psicológicas e financeiras para o indivíduo e a sociedade de uma forma geral.

Respeitar a criança é sobretudo apontar os seus limites e, ao mesmo tempo, estimulá-la a alçar o voo maior da criatividade individual. Para o êxito não há receitas e sim a segurança, o amor e a dedicação à criança, seja ela com desenvolvimento típico ou atípico.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Anne. **Ludicidade como instrumento pedagógico**. 1995. Disponível em: [HTTP://www.cdof.com.br/recrea22.htm](http://www.cdof.com.br/recrea22.htm). Acesso em: 07/05/2013.
- ARROYO, Miguel. Fracasso-Sucesso: o peso da cultura escolar e do ordenamento da educação básica. In: ABRAMOWICS, A.; MOLL, J. **Para além do Fracasso Escolar**. 3ª ed. Campinas – São Paulo: Papirus, 2000.
- AZCOAGA, T. Sistema Nervioso y Aprendizaje. In: CIASCA, S. **Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- BARBOSA, Laura Monte Serrat (Org.). Intervenção psicopedagógica no espaço da clínica. In: BARBOSA, Laura Mont Serrat, SERAFINI, Arlete Z., BERNERT, Luiza M. e colaboradores. **Avaliar para nós é...**, Curitiba: Melo, 2011.
- BARBOSA, L. M. S. **Psicopedagogia: um diálogo entre a psicopedagogia e a educação**. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2006.
- BASSEDAS, E. *et al*, **Intervenção Educativa e Diagnostico Psicopedagogico**. 3º ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- BRASIL- Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/ SEF, 1998.v.3.
- BRESSAN. R. A. **Distúrbios Escolares**, 2010 Disponível em: <http://psiquecienciaevida.uol.com.br/ESPS/Edicoes/80/artigo266439-1.asp>. Acesso em: 20/06/2014
- CARNEIRO, G. R. S., MARTINELLI, S. C. e SISTO, F. F. Autoconceito e dificuldades de aprendizagem. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.16(3), p.427-434, 2003.
- CARVALHO, M. **Alfabetizar e letrar: Um diálogo entre a teoria e a prática**. 6.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- CIASCA, Sylvia Maria **Distúrbios de aprendizagem: proposta de avaliação interdisciplinar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- CIASCA, Sylvia Maria. O PAPEL DO CÉREBRO NA APRENDIZAGEM: O diálogo entre as neurociências e as práticas clínicas e educacionais. In: **IX Congresso Brasileiro de Psicopedagogia e I Simpósio Internacional de Neurociências, Saúde Mental e Educação**. São Paulo: julho de 2012.
- COELHO, A. S. B. F. **O fracasso escolar e os distúrbios de aprendizagem**. São Paulo: Associação Brasileira de Dislexia, 2003.
- CORREIA, L. M.; MARTINS, A. P. **Dificuldade de aprendizagem**. Coleção Educação. Porto, Portugal, 1997.

COSTA, D. A. F. **Fracasso escolar: diferença ou deficiência.** Porto Alegre: Kuaarup, 1993.

COLL e SALVADOR. **Psicologia da educação.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

CUNHA, Nylse Helena Silva. **Brincar, pensar e conhecer – Brinquedos, jogos e atividades.** São Paulo: Ler e sonhar, 1997.

DAVIS, C; OLIVEIRA, Z. **Psicologia na Educação.** São Paulo: Editora Cortez, 1991.

DROUET, R. C. R. **Distúrbios de Aprendizagem.** São Paulo: Ática, 2003.

FERNANDEZ, A. **O saber em jogo.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada: Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERREIRO, E. **Com todas as letras.** 4 ed. São Paulo: Editora Cortez, 1993.

FONSECA, V. **Introdução as dificuldades de aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREIRE. M.; GROSSI. P. E. **Paixão de aprender.** Petrópolis- RJ: Vozes, 1992.

FRIEDMAN, Adriana. **O Desenvolvimento da criança através do brincar.** São Paulo: Moderna, 2006.

FURTADO, Ana Maria Ribeiro, BORGES, Marizinha Coqueiro. Módulo: **Dificuldades de aprendizagem.** Vila Velha- ES:ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, 2007.

GARCIA, J. N. **Manual das dificuldades de aprendizagem – Linguagem, leitura, escrita e matemática.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

GOMES, M. F. C. **Dificuldades de aprendizagem na alfabetização.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GUERRA, L. B. **A criança com dificuldades de aprendizagem.** Rio de Janeiro: Enelivros, 2002.

JOHNSON, D. J.; MYKLEBUST, H. R. **Distúrbios de aprendizagem: princípios e práticas educacionais.** São Paulo: Pioneira, 1987.

JOSÉ, E. A.; COELHO, M. T. **Problemas de aprendizagem.** São Paulo: Ática, 2002.

KIRK.D. **Históricos de Dificuldade de aprendizagem 1962.** Disponível em: <http://scholar.google.nl/citations?user=ayLHQNEAAAJ&hl=pt-BR>. Acesso em: 15/06/2014

KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). **Jogo, brinquedo, brincadeira e a Educação.** 4ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.

KLEIMAN, A. B. **Preciso ensinar o letramento? Não basta ensinar a ler e escrever?** Campinas-SP: CEFIEL/UNICAMP, 2005.

LOZANO; A.; RIOBBO, C. O que é dificuldade de aprendizagem. In: OSTI, A. **As dificuldades de aprendizagem na concepção do professor.** Campinas – São Paulo: UNICAMP/ Faculdade de Educação, 2004.

MAJOR, S. **Crianças com dificuldades de aprendizagem** – Jogos e atividades. Educação à Distância. São Paulo: Manole, 1990.

MATURANO, E. M. A criança, o insucesso escolar precoce e a família: condições de resiliência e vulnerabilidade. In: MATURANO, E. M.; LOUREIRO, S. R. e ZUARDI, A. W. **Estudos em saúde Mental.** Ribeirão Preto-SP: FMRP/USP, p.132-145, 1997.

MEDEIROS, P. C. *et. al.* A auto-eficácia e os aspectos comportamentais de crianças com dificuldades de aprendizagem. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13 (3), p. 327- 336, 2000.

MEIRIEU, P. **O cotidiano da Escola e da sala de aula.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

MORENO, María del Carmen; CUBERO, Rosário. **Relações sociais nos anos Iniciais.** Porto Alegre: Artes Médicas. 1995

NUNES, Terezinha. **Dificuldade de Aprendizagem da Leitura: Teoria e Prática.** 7<sup>o</sup> edição. Editora: Cortez.2000

OLIVEIRA, G. **O lúdico nas séries iniciais do ensino fundamental.** 1990.  
Disponível em: [http:// WWW.knol. Google.com/k/o-1%c3%BA disco-nas-5%c3%A9séries-iniciais-do-ensino-fundamental#](http://WWW.knol.Google.com/k/o-1%c3%BA disco-nas-5%c3%A9séries-iniciais-do-ensino-fundamental#)

OTERO, Cristina Caballeira. **O espaço Pedagógico do jogo: Algumas Possibilidades.** São Paulo: Mestrado. FEUSP, 1996.

PACANARO, S. V. **Stress Infantil e Dificuldades de Aprendizagem: Um Estudo com Crianças em Idade Escolar.** Disponível em: <http://www.profala.com/artpsico45.htm>, acesso em: 19/10/2013.

PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem.** 3<sup>a</sup> ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

PATTO, Maria Helena Souza. **A Produção do Fracasso Escolar.** 4<sup>a</sup> Ed. São Paulo: T. A. Queiroz Editor, 2006.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

PERRENOUD, P. **Pedagogia Diferenciada** – das intenções à ação. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança.** São Paulo: Difel, 1982.

PIAGET, J. **A equilibração das estruturas cognitivas.** Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, J. **Biologia e Conhecimento**. 2<sup>a</sup> Ed. Petrópolis – Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

PIAGET, J. Como se desarrolla la mente del niño. In: PIAGET, J. *et al.* **Los años postergados**: la primera infancia. Paris: UNICEF, 1975.

PIAGET, J. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: Olympio – Unesco, 1973.

PIAGET, J.; GRECO, P. **Aprendizagem e conhecimento**. São Paulo: Freitas Bastos, 1974.

PIAGET, Jean. **A psicologia da criança**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

SCOZ, B. **Psicopedagogia e realidade escolar**, o problema escolar e de aprendizagem. Petrópolis: Vozes, 1994.

SILVA, I. M. O.; SILVA, R. M. S. A formação do professor e prática educativa na construção do conhecimento. In: HERMIDA, J. F.; SILVA, R. M. S. (orgs.). **Educação Infantil e Séries Iniciais do Ensino do Fundamental**: Formação de Professores. João Pessoa: UFPB, 2009.

SOUZA, E. M. **Problemas de aprendizagem** – Crianças de 8 a 11 anos. Bauru: São Paulo: EDUSC, 1996.

STEVENATO, I. S. *et al.* Autoconceito de crianças com dificuldades de aprendizagem e problemas de comportamento. **Psicologia em Estudo**, v. 8(1), p. 67-76, 2003.

STRICK, C. e SMITH, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z** – Um guia completo para pais e educadores. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

TEIXEIRA, Sirlândia Reis de Oliveira. **Jogos, brinquedos e brinquedoteca**: implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento/ Sirlândia Reis de Oliveira. Teixeira-RJ: wak ED.2010. 136 p.: 21 cm.

TEBEROSKY, Ana FERREIRO, Emília. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

VELASCO, Cacilda Gonçalves. **Brincar**: o despertar psicomotor. Rio de Janeiro: sprint, 1996;

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. Publicado em 02/02/2007.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

VYGOTSKY, L S; LURIA A. R. e LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone, 2001.

WADSWORTH, B. **Inteligência e Afetividade da Criança**. 4. Ed. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli, 1996.

WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

WALLON. **Piaget, Vygostsk e Wallon: Teorias Psicogénéticas em Discussão**. São Paulo: Summes, 1992.